

Intencionalidade Educativa na Educação de Infância: o caso da Creche

Ana Catarina Romão Freitas Nº 2058914; Ana Isabel Basílio Azevedo Nº 2057614; Cláudia

Sofia Rodrigues Gonçalves Nº 2058614; Fabiana Fátima Pestana Caires Nº 2075713

Universidade da Madeira, Centro de Competência em Ciências Sociais, Departamento de

Ciências de Educação

1º Ciclo em Educação Básica, 1º ano

Iniciação à Prática Profissional I

9 de Dezembro de 2014

Índice

Introdução	3
Intencionalidade Educativa.....	4
Orientações Curriculares Globais	4
O Educador de Infância	6
O Perfil do Educador de Infância.....	6
Papel do Educador de Infância.....	7
Parceria educadores-pais (continuidade dos cuidados).	7
Processo reflexivo do educador.....	8
Princípios Educativos em Creche	8
Creche: Construindo Contextos de Desenvolvimento e Aprendizagem.....	10
Método de Aprendizagem High/Scope	10
Experiências Chave	11
Contextos Educativos.....	12
Conclusão	18
Referências	19

Introdução

Segundo a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar:

(...) a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Lei nº 5/97, p. 670)

Sendo assim, cada profissional responsável por um grupo de crianças (entre os 0 e os 3 anos), adquire o papel de educador de infância e tem com objetivo proporcionar experiências significativas para o bom desenvolvimento das suas crianças, tendo em conta a tenra idade, a sucessiva necessidade de cuidados e o seu desenvolvimento precoce.

Em termos de contexto educativo, o espaço e o tempo adquirem um papel relevante na vertente creche. Post e Hohman (2011), Louis Torelli e Charles Durrett (1998) assumem tal posição, que referem que os centros de educação infantil devem proporcionar às crianças (entre os 0 e os 3 anos) ambientes bonitos que apoiem o jogo centrado na criança, iniciado pela criança e facilitado pelo educador. O tempo também constitui uma ferramenta da intencionalidade educativa visto que, as crianças necessitam de um determinado ritmo diário e de saber distinguir cada tarefa, cuidadosamente planeada pelo educador. Com a ajuda do educador, cada criança progressivamente irá desenvolver um sentido de autonomia, segundo Post e Hohman (2011).

Em suma, a intencionalidade educativa em creche baseia-se no aprofundamento de tópicos, tais como, a intencionalidade em si, o educador e os contextos educativos, que reunidos formam a integridade da creche e dos indivíduos envolventes, nomeadamente, famílias, educadores, crianças.

Intencionalidade Educativa

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação, (OCEPE, 2009), a intencionalidade educativa "É o conjunto das experiências com sentido e ligação entre si que dá a coerência e consistência ao desenrolar do processo educativo" (p.93).

Assim, a intencionalidade educativa reflete sobre a ação e forma adequada às necessidades das crianças com valores e intenções. Esta intenção tem de ter um plano, em acompanhamento com a ação para adequar as crianças e responder a situações inesperadas. Depois de realizar a ação para que tomem consciência do processo e dos seus efeitos.

Orientações Curriculares Globais

De forma a adequar a intervenção profissional do educador, a intencionalidade do processo educativo passa por diferentes etapas que se vão sucedendo e aprofundando.

O educador tem a responsabilidade de observar a criança. Esta observação permite ao educador conhecer a criança, para que possa compreender as suas características e adequar as práticas às suas necessidades. Visto que cada criança tem diferenciações pedagógicas, ou seja, diferentes capacidades de desenvolver os seus interesses. O educador deve estar atento para identificar as capacidades de cada criança. A partir da observação das suas aprendizagens, esta serve como base do planeamento e da avaliação, servindo como suporte á intencionalidade do processo educativo. (OCEPE, 2009)

A partir do que o educador sabe acerca do grupo, este tem a função de planear o processo educativo. Deste modo, o educador proporciona aprendizagens significativas e diversificadas, que resultam de um processo de planeamento, em que o educador desenvolve atividades que estimulem e promovam o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

“Planejar implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adaptar ao grupo (...)” (OCEPE, 2009, p.26). Deste modo o educador tem a responsabilidade de prever situações e experiências de aprendizagem, de modo a organizar os recursos humanos e materiais necessários. A organização do ambiente, em conjunto com os materiais colocados ao dispor das crianças, proporcionam-lhes interações diversificadas com todo o grupo e com outros adultos. Assim, cabe ao educador o papel de organizar o seu dia a dia e planejar atividades onde ocorram situações de aprendizagem que sejam desafiadoras e que estimulem e interessem a criança, mas tendo o cuidado de não criar situações de exigência excessiva, visto que pode resultar num desencorajamento e diminuição de autoestima (OCEPE, 2009). A participação das crianças no planeamento das atividades permite que o grupo beneficie de uma maior diversidade das capacidades e competências de cada criança, “(...) num processo de partilha facilitador da aprendizagem e do conhecimento de todas e de cada uma.” (OCEPE, 2009).

Depois de um planeamento bem ponderado, chega ao momento de concretizar na ação as intenções educativas. Estas devem adaptar-se às propostas das crianças, tirando partido de todas as situações e oportunidades imprevistas. A participação de outros adultos na realização de oportunidades educativas é uma mais valia para alargar as interações das crianças e para enriquecer o seu processo educativo. (OCEPE, 2009)

A avaliação do processo e dos efeitos, parte da tomada de consciência da ação, para que esta se adeque ao processo educativo e às necessidades das crianças na sua evolução. A avaliação é suporte do planeamento, na medida que a sua reflexão possibilita ao educador estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com a criança (OCEPE, 2009).

Observada e avaliada a ação e a evolução da criança, o educador deve partilhar o seu conhecimento acerca da criança com as restantes entidades responsáveis pela educação da mesma. Deste modo, a troca de opiniões com os pais “permite um melhor conhecimento da

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

criança e de outros contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade. ”

(OCEPE, 2009, p.26)

O Educador de Infância

O Perfil do Educador de Infância

O Decreto-Lei nº240/2001, de 30 de Agosto, define o desempenho geral e a intervenção educativa do educador de infância. “ O educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo; bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” (Anexo nº1, II)

Sendo assim, o educador tem a função de promover e criar momentos de aprendizagem, atendendo sempre às necessidades da criança e a tudo o que está ligado à mesma. Não só estimula a curiosidade da criança pelo que a rodeia, como também promove o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de cidadania (Anexo nº1, II). Esta orientação visa salientar a necessidade do desenvolvimento de interações e ações, por parte do educador, que o conduzem à construção da identidade docente.

Todo o processo que efetiva o perfil do educador está em permanente mudança, pela constante reflexividade, autoformação e avaliação, de modo a melhorar o seu desempenho. A importância das orientações curriculares para a educação pré-escolar assenta como ferramenta de apoio ao educador, que contribui para a adequação do processo de intervenção educativa. Assim o perfil do educador centra-se na cooperação, inovação e constante reflexão da prática de forma crítica e argumentativa.

Papel do Educador de Infância

O educador deve procurar ir ao encontro dos interesses da criança, questionando-se sobre o que lhe agrada, que questões coloca e em que situações se envolve mais intensamente.

A sua função é apoiar as intenções da criança, ou seja, “para aprenderem e crescerem, as crianças precisam de um ambiente emocionalmente rico” (Post & Hohman, 2011), um ambiente de confiança, onde possam estabelecer relações seguras. Sendo assim, o educador transmite tal sentimento ao “comunicar com calor e respeito, reconhecer os sentimentos da criança, estabelecer um contacto físico positivo, dar respostas atentas e estimular as crianças”, segundo um estudo de Margaret T. Owen (citado por Post & Hohman, 2011, p.34 e 35) sobre cuidados e vinculação precoces. Intitula-se vinculação o processo que parte do vínculo que é criado entre as crianças e educadores (pessoas em quem confiam) de modo a que estes proporcionem um ambiente seguro, adequado ao seu desenvolvimento para que possam explorar, experienciar.

O educador tem que ser caloroso, estimulante e promotor de autonomia, capaz de prever as necessidades de cada criança e atuar sobre as mesmas (Portugal, 2000).

Parceria educadores-pais (continuidade dos cuidados).

A necessidade de interação entre os educadores e os pais surge da importância da comunicação sobre o crescimento e desenvolvimento das crianças. A partilha de informação adquire uma influência no processo de intervenção educativa, de modo a criar um ambiente apoiante para as crianças. O diálogo entre educadores e pais, segundo Post e Hohman (2011),

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

promove assim a continuidade dos cuidados necessários a todos aqueles que se encontram envolvidos, nomeadamente as crianças e as suas famílias.

Processo reflexivo do educador.

Paulo Freire (1991) sobre a reflexividade do educador afirma o seguinte:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira à quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.
(p.58)

O bom educador, como indivíduo reflexivo, competente e profissional, sente a necessidade de levantar questões, não se ficando só pela necessidade de obter respostas. De tais questões surgirão respostas que irão ajudar no desenvolvimento e realização profissional e pessoal.

De acordo com Dewey (citado por Alarcão, 1996), a função do pensamento reflexivo, é o de transformar uma situação complexa numa situação que seja plena, coerente, ordenada, harmoniosa. Significa que, ao pensar em algo, refletimos, encadeando as ideias com vista a um fim comum. Depois do pensamento reflexivo vem a ação reflexiva, a qual Dewey defende que deve ser construída com base na abertura de espírito, responsabilidade e empenhamento, componentes centrais de vida do educador reflexivo, responsável pela sua aprendizagem. A ação reflexiva juntamente com o pensamento reflexivo, levarão o educador a se transformar num profissional com experiência e mérito.

Princípios Educativos em Creche

Os bebés e as crianças muito pequenas precisam de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas, liberdade para explorarem utilizando os seus sentidos, tendo em conta

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

uma relação base de confiança com os educadores. Cada criança absorve tudo a seu redor, integra todas as experiências vividas, assim, cada profissional terá a função de proporcionar as melhores práticas pedagógicas para assegurar as finalidades educativas em creche, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas as crianças (Portugal, 2000). A fim de seguir uma formação apropriada, os educadores poderão reger-se pelos princípios educativos da creche, de Gabriela Portugal, que citaremos em seguida:

Princípio 1- “Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito.”

Princípio 2- “Investir em tempos de qualidade, procurando-se estar completamente disponível para as crianças.”

Princípio 3- “Aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhes as suas.”

Princípio 4- “Investir tempo e energia para construir uma pessoa “total”.”

Princípio 5- “Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos.”

Princípio 6- “Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças.”

Princípio 7- “Modelar os comportamentos que se pretende ensinar.”

Princípio 8- “Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades.”

Princípio 9- “Construir segurança ensinando a confiança.”

Princípio 10- “Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentais.”

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

Tendo em consideração todos os princípios, o educador deve aproveitar todos os momentos em que está com a criança para criar oportunidades de aprendizagem e deixar que estas resolvam os seus próprios problemas. Consoante a sua fase etária, deve promover a qualidade do desenvolvimento da criança, de modo a não apressá-la a atingir determinado nível de desenvolvimento. Deve estar sempre disponível para atender às necessidades das crianças e não subestimar a sua capacidade de comunicação. Em relação aos sentimentos das mesmas, deve ajudá-las a reconhecer e lidar com eles, enquanto que deve ser verdadeiro em aos seus próprios sentimentos pela criança. Todo o ambiente deve se de segurança e confiança.

Creche: Construindo Contextos de Desenvolvimento e Aprendizagem

Tem-se por contexto o “conjunto de circunstâncias à volta de um acontecimento ou de uma situação” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2014). O contexto educativo em creche engloba todas as ferramentas necessárias para proporcionar à criança um ambiente propício ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste contexto é indispensável a intervenção dos profissionais de educação, dos pais, da comunidade e das próprias crianças. O papel das crianças tem um grande peso neste contexto pois elas são a base de toda a intencionalidade educativa. Com o objetivo de obterem conhecimento, as crianças recolhem informações a partir de todas as suas ações, aproveitando todos os momentos de exploração e de interação para desenvolver as suas competências.

Método de Aprendizagem High/Scope

No que diz respeito a métodos de aprendizagem das crianças, o modelo High/Scope baseia os seus princípios orientadores na “Roda da Aprendizagem”, que orienta a abordagem aos cuidados e à educação em grupo de bebés e crianças (Post & Hohmann,

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

2011). Esta roda tem como eixo principal a aprendizagem ativa, que sugere que as crianças começam a adquirir conhecimentos desde o seu nascimento através do modo como observam, alcançam e agarram as pessoas e os materiais que lhes chamam a atenção. Todas estas ações são realizadas por iniciativa própria. É através das explorações dos materiais e das relações que estabelecem que se desenvolvem e descobrem como manipular objetos, como deslocar-se e como interagir e comunicar com as pessoas que as rodeia.

Quando as crianças estão rodeadas por adultos que compreendem a necessidade que estas têm de explorar e, conseqüentemente, de estimular a compreensão, desenvolvem um sentimento de confiança em si próprios e nos outros, o que lhes permite que se tornem curiosas e autónomas na sua aprendizagem (Post & Hohmann, 2011).

Em contextos de aprendizagem ativa em creche, as iniciativas das crianças e os seus desejos de explorar com os seus sentidos são apoiados pelos educadores, que compreendem que as “explorações auto motivadas das crianças lhes proporcionam experiências chave – uma aprendizagem que se revela fundamental para o crescimento e desenvolvimento humano saudável.” (Post & Hohmann, 2011, p. 12)

Experiências Chave.

As experiências chave são atividades que enquadram o conjunto das aprendizagens obtidas pela criança e do seu desenvolvimento precoce. Retratam o que as crianças fazem, o seu desenvolvimento e as competências que despontam das suas ações, tendo como base a observação da criança, que serve de ferramenta de avaliação. As experiências chave estão organizadas em nove domínios: sentido de si próprio, relações sociais, representação criativa, movimento e música, comunicação e linguagem, exploração de objetos, noção precoce da quantidade e do número, de espaço e de tempo (Post & Hohmann, 2011). Estas experiências fornecem aos educadores inúmeros aspetos acerca da aprendizagem de cada criança e do seu

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

estado de crescimento e desenvolvimento. Os educadores têm em atenção o comportamento das crianças, observam-nas e interagem física e verbalmente com elas. Deste modo, a interpretação das experiências chave ajuda os educadores a interpretar e a agir sobre aquilo que as crianças estão a fazer. Permitem que os educadores organizem e decidam o que vão fazer no dia seguinte, com base no que observaram no decorrer do dia, e selecionem materiais e equipamentos que estimulem a interação e a estimulação das crianças.

Contextos Educativos

Na construção de um contexto educativo, o espaço ocupa um papel fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. O educador tem de ter especial atenção à forma como equipa e organiza o ambiente, no sentido de garantir o conforto, o bem-estar e diversas oportunidades de aprendizagem ativa. No processo de criação do ambiente é preciso ter em conta questões práticas como o número de crianças, o orçamento disponível e o espaço, entre outras. Este local tem de estimular as crianças a interagir com os materiais presentes, com os educadores e com os colegas. (Post & Hohmann, 2011).

Um ambiente bem planeado promove um melhor desenvolvimento das crianças a nível físico, da comunicação com os outros, do aumento das competências cognitivas e da interação com o meio envolvente (Post & Hohmann, 2011). O espaço também precisa de um contexto agradável onde os adultos se sintam preparados para observar, valorizar, apoiar as decisões e ideias da sua turma. É fundamental que proporcione ordem e flexibilidade para conseguir acompanhar os desejos das crianças, que estão em constante mudança, e apoiá-las, de modo a que consigam alcançar um controlo do seu mundo (Post & Hohmann, 2011). O ambiente necessita de equipamentos para brincadeiras cooperativas, ou seja, que proporcionem a interação entre as crianças e forneça situações de convívio social, num contexto de grupo.

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

A combinação da sensação de conforto e segurança a nível físico e psicológico é fundamental numa aprendizagem ativa, sendo necessário um ambiente físico bom, que faça com que as crianças se sintam alegres com as suas pequenas aventuras e escolhas. O educador deve adicionar a este meio objetos que as crianças já conheçam, aumentando a confiança em estarem no infantário e não estranharem tanto a sua casa (Post & Hohmann, 2011).

Os educadores necessitam de um espaço só seu, como prateleiras e armários à sua altura para se sentirem em controlo. Contudo, para os que educadores não fiquem privados da interação com as crianças e da atenção dada, precisam de ter acesso facilitado e rápido aos utensílios do quotidiano, permitindo o aumento do seu desempenho junto das crianças.

Estes educadores têm de ter presente, na elaboração do espaço, que as crianças exploram e aprendem utilizando todo o seu corpo e os seus sentidos. Por esta razão é necessária a utilização de brinquedos ou objetos versáteis. A sua utilização não está definida. Podem ser utilizados de diversas formas segundo o contexto onde se encontram, permitindo assim a atribuição de significados pessoais e adequados ao desenvolvimento individual. Os objetos devem ter diversas escalas de tamanho, proporcionando aos bebés uma oportunidade de desafio ou de sucesso (Post & Hohmann, 2011).

O infantário deve estar organizado por áreas específicas, como por exemplo: as áreas de refeições e de preparação dos alimentos, as áreas de dormir e descanso, as áreas de higiene, o espaço das brincadeiras, o espaço dos livros e das artes, a área da casinha das bonecas, a área de jogos, entre outros. Nestas áreas tem de estar à disposição dos educadores todo o material de que necessitam para poderem fazer um bom trabalho na educação dos bebés. Os materiais devem ser sempre arrumados para permitir mais espaço para a movimentação das crianças e os educadores sentirem que o local está organizado e controlado

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

Os educadores têm a função de ajudar os bebés na coordenação dos seus horários individuais de sono, proporcionando conforto nos locais de dormir, tendo sempre em conta a colocação dos bebés de barriga para cima, evitando assim a incidência do síndrome da morte súbita do berço, permitindo que observem os bebés sempre que possam (Post & Hohmann, 2011).

Os educadores têm a função de encorajar a mobilidade e o interesse pelo mundo físico e social à volta das crianças, por isso, recorrem a mudanças na área de movimento, permitindo que as crianças se desloquem e trepem por onde quiserem, na presença de objetos apropriados e estáveis.

Um espaço exterior é fundamental. Tem de estar equipado de acordo com o intuito das crianças, e educadores, de quererem passar lá algum tempo, permitindo assim o acesso à observação e ao contacto de diferentes materiais que irão apurar e desenvolver os sentidos destas crianças, através de experiências chave (Post & Hohmann, 2011).

É preciso ter em conta que o processo de construção do local de trabalho é gradual e em equipa. Há que ter a capacidade de analisar o que está bem e o que está mal, fazendo as alterações necessárias, tendo também em conta a disponibilidade económica.

É importante fazer uma análise destas mudanças, para ver se os objetivos desejados são cumpridos ou se não se verificou o efeito desejável nas crianças.

A apreciação do ambiente interior e exterior permite aos educadores a análise das ofertas proporcionadas às suas crianças, como é o caso do conforto, das oportunidades de exploração, da descoberta... Se o ambiente estiver apto às necessidades das crianças, este proporcionará um conjunto de experiências chave e ajudará a que as crianças se desenvolvam de forma saudável (Post & Hohmann, 2011).

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

No contexto educativo, o tempo é também uma ferramenta de intencionalidade educativa. Cada dia tem um determinado ritmo. Existe uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e é conhecida pelas crianças (OCEPE, 2009). Estas sabem o que podem fazer nos vários momentos e, através de sensações internas ou por indícios externos, conseguem prever qual será o próximo acontecimento. Na organização de uma programação diária de rotinas e de cuidados, o educador deve criar um horário que seja previsível mas ao mesmo tempo flexível. Deve ser corresponder às necessidades de cada criança, tendo estas a ‘liberdade de propor modificações’ (OCEPE, 2009, p. 40). O educador deve ter a capacidade de observar e avaliar o que as crianças querem e necessitam e assim organizar o dia em torno de acontecimentos diários regulares. No dia a dia é fundamental a existência de determinadas etapas como a chegada e partida da criança, as refeições, as rotinas de cuidados corporais, o tempo de sesta, os tempos de escolha livre, o tempo de exterior (para bebés mais velhos e crianças, quando o tempo é favorável) e as atividades de grupo.

Na chegada e partida da criança, o educador deve apoiar a criança e os pais, deve dar as boas vindas e fazer as despedidas de forma calorosa mas calma, transmitindo-lhes uma sensação de tranquilidade e segurança (Post & Hohmann, 2011). Esta transmissão de conforto proporciona sentimentos de segurança e confiança no adulto por parte da criança. Estas emoções são fundamentais para o seu bem estar pois uma relação de confiança é uma mais valia no momento em que a criança tem de se separar dos seus pais para passar o dia na creche.

A hora das refeições corresponde ao momento em que o educador satisfaz uma necessidade básica de alimentação nutritiva. Este momento proporciona um contacto físico próximo entre a criança e o adulto, sendo uma altura indispensável para a criação de laços de afeto com a criança. O educador deve prestar atenção e ajudar os bebés que ainda não

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

conseguem alimentar-se sem ajuda e, ao mesmo tempo, apoiar os bebês mais crescidos a comerem sozinhos. As crianças, por estarem todas juntas à mesa das refeições, interagem entre si, proporcionando momentos de convívio, num contexto social. Cabe ao educador auxiliar as crianças na conversação entre elas, na exploração da comida e na repetição, ajudando-as “(...) à medida que continuam a sua viagem em direção ao ato independente de se alimentarem sem ajuda do adulto.” (Post & Hohmann, 2011, p. 225)

O tempo dos cuidados corporais ocorre com uma frequência regular ao longo do dia. Acontecem quando a criança está molhada ou suja, na altura da refeição e na altura de dormirem a sesta. “Ao nível mais básico, estas rotinas promovem o asseio, o conforto físico e a saúde, minimizando a exposição das crianças a infeções e a irritações da pele (...)” (Post & Hohmann, 2011, p. 229). Os cuidados de higiene pessoal envolvem interações pessoais carinhosas e, através destas, “as crianças têm a oportunidade de construir relações de confiança (...) e de ganharem um sentido de segurança no contexto de grupo.” (Post & Hohmann, 2011, p. 229). Além disso, os bebês começam a adquirir consciência do seu corpo e da forma como se dobra e movimenta.

O tempo de sesta é fundamental pois viabiliza o descanso necessário para o crescimento e desenvolvimento da criança, que aproveita para recarregar as suas energias físicas e emocionais para a parte do dia que se segue. (Post & Hohmann, 2011). A hora da sesta deve ser programada de acordo com as necessidades pessoais de cada criança. As crianças devem ser postas a dormir de forma calma, de acordo com os seus próprios rituais de adormecer, e devem acordar ao seu próprio ritmo. A interação com o educador, no momento de acordar e dos cuidados corporais depois da sesta, proporciona segurança e conforto.

Post e Hohmann (2011), afirmam que o tempo de escolha livre:

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

(...) consiste num período de tempo em que os bebés e as crianças podem investigar e explorar materiais e ações e interagir com os seus pares e educadores. (...)

proporciona às crianças um período de exploração e de brincadeira sem qualquer tipo de interrupções. (p. 249)

As crianças escolhem a forma como querem explorar interagir com o mundo à sua volta, envolvendo-se em experiências chave de aprendizagem. Neste período o educador deve prestar muita atenção na interação da criança com o objeto e da criança com os seus pares. Estas fazem uma série de escolhas e decisões e o educador, ao reconhecer e respeitar as suas intenções, em vez de as ignorar ou ultrapassar, promove que elas experimentem um sentido de controlo sobre aquilo que está a acontecer.

O tempo de exterior é dedicado à expansão da brincadeira num contexto de exterior. Tal como no tempo de escolha livre interior, as crianças escolhem aquilo que querem fazer no exterior. No exterior, envolvem-se em experiências sensoriomotoras que permitem a construção de conhecimento, quer seja através de sensações táteis, auditivas, olfativas e visuais. O educador deve proporcionar diversos materiais que transmitam conforto e que possibilitem uma série de brincadeiras que transmitam uma série de experiências chave, principalmente para os bebés mais pequenos.

No período de atividades de grupo, o educador deve reunir as crianças para que estas explorem e brinquem com um certo tipo de material ou para fazerem parte da mesma atividade (Post & Hohmann, 2011). De forma a se adaptar às características das crianças, este período deve ser fluido e dinâmico, dependendo em exclusivo das ações, ideias e interesses destas. Para que corresponda às necessidades das crianças, as atividades têm de ser planeadas antecipadamente e proporcionar experiências ativas. Os materiais recolhidos e entregues às crianças ficam a sua responsabilidade. Estas escolhem como utilizá-los e cabe ao educador

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

respeitar e fazer comentários breves e específicos sobre aquilo que as crianças fazem, comentando e descrevendo as suas ações. “Este tipo de comentários abre a porta para observações futuras das crianças sem as pressionar a responderem” (Post & Hohmann, 2011, p. 292)

A transição entre as várias etapas deve ser feita de forma suave, através de atividades curtas e precisas. Este tipo de atividades ajuda as crianças a compreenderem o tempo e perceberem qual é a próxima etapa que vai acontecer. Por esse motivo devem ser consistentes de dia para dia de modo a que as crianças saibam o que esperar.

Conclusão

É através intencionalidade educativa que o educador reflecte sobre a ação e a forma adequada às necessidades das crianças. Esta intenção deve ter em consideração a observação das crianças, de forma a reconhecer as necessidades de cada criança em particular; o planeamento das atividades, onde o educador tem em atenção as aprendizagens significativas e reflecte sobre as intenções; a concretização da ação, que depende da interação com os adultos em redor das crianças; a avaliação do processo educativo e a comunicação da evolução da criança aos pais.

O educador tem a função de promover e criar momentos de aprendizagem, atendendo às necessidades das crianças. A sua função é apoiar as intenções da criança, “para aprenderem e crescerem, as crianças precisam de um ambiente emocionalmente rico” (Post & Hohman, 2011).

Em termos de contextos de desenvolvimento e aprendizagem, o contexto educativo em creche engloba todas as ferramentas necessárias para proporcionar à criança um ambiente propício ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Um dos métodos de aprendizagem é o

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

High/Scope, que baseia os seus princípios orientadores na “Roda da Aprendizagem” (Post & Hohmann, 2011). O conjunto de aprendizagens adquiridas pelas crianças é englobado nas experiências chave. Em contextos educativos, o espaço ocupa um papel fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. O espaço deve ser agradavelmente planeado de forma a proporcionar um melhor desenvolvimento das crianças a vários níveis. O tempo é também uma ferramenta de intencionalidade educativa, na medida em que existe uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e é conhecida pelas crianças (OCEPE, 2009).

Sendo assim, confirmamos que a intencionalidade educativa é um factor fundamental na creche, visto que para toda a ação que implique a criança, o educador tem a função de atribuir um significado, baseando-se sempre na interpretação da sua ação. Desta forma, todas as atividades que o educador propõe as crianças a fazer, devem ter em atenção à sua intencionalidade educativa, de modo a que seja adequada para o saudável desenvolvimento de todo o grupo de crianças.

Referências

- Alarcão, I (org) (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora
- Diário da República (1983). *Decreto-Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro: Lei Quadro da Educação Pré-Escolar – I Série – A*. Retirado a 28 de Novembro, 2014, de: <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>
- Diário da República (2001). *Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto: Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário publicado no Diário da República – I Série – A*. Retirado a 28 de

INTENCIONALIDADE EDUCATIVA

Novembro, 2014, de:

http://neebuminho.weebly.com/uploads/1/1/3/4/11346831/decreto_lei_240.2001.pdf

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2014, <http://www.priberam.pt/DLPO/contexto>

Freire, P (1991). *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez Editora

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.

Lisboa: Ministério de Educação/Departamento de Educação Básica

Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em creches: *Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas*. In: Infância e Educação: Investigação e Práticas. *Revista GEDEI 1*, pp.85-106. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2000) – Finalidades e práticas educativas em creche: *das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. *Revista CNIS*, Porto: Porto Editora.

Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens* (S. Baía, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.